

Crescer com raízes

O eucalipto é um investimento a 12 anos, o pinheiro chega a exigir 30 e o sobreiro só permite extrair cortiça para rolhas ao fim de 43. O valor da floresta não é apenas económico, mas social e ambiental. Empresas portuguesas das três principais fileiras há muito que perceberam isso. Hoje são líderes mundiais.

MARIA JOÃO BABO
mjbabo@negocios.pt

MIGUEL BALTAZAR



“A

“A cortiça já canta”, anunciam os trabalhadores agrícolas que, na Herdade da Água Boa, perto de Coruche, começaram às oito da manhã a fazer o descortçamento dos sobreiros. A tarefa, que passa de pais para filhos, é altamente especializada e um machado basta. As regras são rígidas, não fosse o montado de sobreiro protegido por lei em Portugal desde o século XIII. E fazer-lhe feridas – arrancando a cortiça quando ainda está presa à árvore – é de evitar a todo o custo.

Este ano, por causa do atraso na chegada do Verão, a cortiça começou a cantar mais tarde. Canta, explicam, quando se solta sem esforço da árvore. O som, semelhante ao abrir de um velcro, é bem recebido pelos homens que, empoleirados nos ramos, descascam em minutos cada uma destas árvores, deixando-as cor de laranja. O próprio sobreiro agradece, dizem os que têm no montado, por estes dias, o trabalho agrícola mais bem pago do mundo. Durante os três meses de Verão que dura a campanha, recebem 80 a 85 euros por dia.

Quase um quarto (23%) da floresta nacional é de sobreiros, a maioria (84%) no Alentejo. Portugal concentra, aliás, 34% da área mundial desta espécie. É também o principal produtor e exportador de cortiça, representando, respectivamente, 49,6% e 64,7% do total. E tem no grupo Amorim a empresa líder, 10,5 vezes maior do que o seu mais próximo concorrente.

Além da cortiça, a madeira e a pasta e papel são hoje os principais produtos da riqueza que o País retira da floresta. A atividade económica ligada às três principais fileiras – pinho, eucalipto e sobreiro – representa 2% do PIB nacional e 9,3% das exportações, com um volume que chega aos 4,3 mil milhões de euros. As indústrias de base florestal têm ainda um impacto líquido positivo na balança comercial de 2,2 mil milhões de euros. E são as que incorporam maior valor acrescentado nacional, na ordem dos 71%. Mas a importância estratégica da floresta está longe de se resumir à económica. Em termos sociais estas atividades são responsáveis por 135 mil empregos, 12.400 empresas e um total de 400 mil proprietários florestais. Já o seu valor ambiental, difícil de quantificar, está patente na biodiversidade, protecção da paisagem e dos recursos naturais, retenção de águas no solo ou no sequestro de carbono.

Nas três fileiras, Portugal tem empresas internacionalizadas, com dimensão, exportadoras de bens transaccionáveis, que concorrem no mercado mundial, tecnologicamente avançadas, elevado valor acrescentado nacional e mercado para os seus produtos. Sonae Indústria, Portucel Soporcel e Corticeira Amorim marcam posição no ranking das 100 maiores empresas florestais do mundo, ocupando os lugares 52º, 59º e 99º, respectivamente.

PENALIZAR O ABANDONO DE TERRAS

“A floresta é o primeiro recurso natural do País depois do sol”, mas “a sociedade portuguesa não é sensível”, lamenta Isolete Matos, administradora de uma empresa da Sonae Indústria, que integra os assuntos relacionados com a gestão florestal. “Os países nórdicos têm uma percepção clara da importância da floresta e da forma como lhes permitiu que, de uma situação de pobreza, dessem o salto para o desenvolvimento”, compara a engenheira que há 40 anos procura sensibilizar para este recurso. Em Portugal, “a sociedade não tem essa percepção”, diz, prefere “continuar a acreditar em mitos de que a floresta são eucaliptos que secam as terras”. Por um lado, a rentabilidade destes activos dá-se num período de tempo alargado, por outro não há pressão política para a necessidade de cuidar, crítica a responsável.

Para Isolete Matos, o Estado tem de penalizar sem hesitações o abandono das terras. Em sua opinião, pode fazê-lo pela negativa, obrigando o proprietário a pagar um imposto equivalente ao potencial de rentabilidade da terra, ou pela positiva, dando incentivos fiscais ou financeiros para promover o associativismo, de forma a que os proprietários passem a geri-la bem ou a entreguem para ser cuidada por outros. “Não fazer nada é que não é permitido”, remata, sublinhando que tem de ser claro para todos que “temos de potenciar as nossas riquezas sob pena de irmos empobrecendo”.

FALTA MATÉRIA-PRIMA

Portugal é floresta. E cerca de 98% está nas mãos de privados. Segundo o mais recente inventário, o uso florestal do solo é o dominante, ocupando



PINHEIRO

MADEIRA: a fileira do pinho pesa 3,3% nas exportações nacionais, com um volume da ordem dos 1.475 mil milhões de euros. Os empregos industriais directos em 2010 somavam 62.447 (80,3% do total das industriais da floresta) e eram 11.245 as empresas (90,4% das sociedades industriais da floresta). O peso da fileira no VAB nacional é de 1,2% e no VAB industrial de 5,5%. O pinho é responsável por 30% do carbono armazenado na floresta.

A Sonae Indústria só tem 600 hectares de floresta, que servem para demonstrar a forma correcta de gerir. Em 2012 o consumo de pinho em Portugal foi de 4,2 milhões de metros cúbicos, mas a floresta produziu apenas 2,2 milhões.

35,4% do território. Já o uso urbano representa 5%. O eucalipto é a principal espécie em área (812 mil hectares), o sobreiro a segunda (737 mil hectares), seguido do pinheiro-bravo (714 mil hectares). No entanto, às indústrias florestais falta matéria-prima. "Hoje o défice de pinho é de 50%, ou seja, faltam dois milhões de metros cúbicos. A situação é muito grave", alerta a responsável da Sonae Indústria, grupo que "está a recorrer fortemente à importação". A situação, avisa, retira competitividade à empresa, que é um dos maiores produtores mundiais de painéis derivados de madeira, mas poderá ter consequências ainda mais dramáticas nas actividades económicas ligada ao pinheiro. "Já encerraram 147 serrações e prevejo que muitas outras vão ter de fechar", o que, além das consequências no emprego e na manutenção de pessoas no Interior, causará "problemas gravíssimos para toda a cadeia", avisa Isolete Matos. A Sonae Indústria está hoje a apostar na "floresta urbana", ou seja, no reaproveitamento de toda a madeira que não é utilizada – móveis, paletes, produtos de construção que são considerados lixo –, detendo já três centros de recolha. Na sua fábrica de Oliveira do Hospital 40% da madeira já é reciclada.

A área total de eucalipto aumentou 13% nos últimos 15 anos, tanto quanto a de pinheiro-bravo caiu. Face a 1985, a primeira cresceu mais de 100% mas a segunda recuou 43%. Mesmo assim, a necessidade de recorrer a importações afecta igualmente a fileira do eucalipto, que enfrenta um défice anual de cerca de 20%, equivalente a dois milhões de metros cúbicos. "São, grosso modo, 200 milhões de euros que não ficam em Portugal", resume João Lé, administrador da Portucel Soporcel Florestal. "É um sobrecusto de 80 milhões para a indústria e 120 milhões que deixam de ser distribuídos para a produção nacional", explica. "A primeira coisa a fazer é produzir mais. A segunda é produzir melhor", sustenta o responsável do grupo, que tem vindo a reforçar o seu património, tendo actualmente 120 mil hectares de floresta certificada sob gestão, 71% de eucalipto, distribuídos por 160 concelhos do país.

Pela dificuldade de ter mais área mas necessidade de aumentar a produtividade da floresta, o grupo iniciou há mais de 25 anos um programa de melhoramento genético, produzindo hoje seis milhões de plantas clonais. Com a selecção dos indivíduos com características genéticas superiores, a Portucel obteve um aumento de 25% da produtividade por hectare.

REPORTAGEM Do montado para o mundo

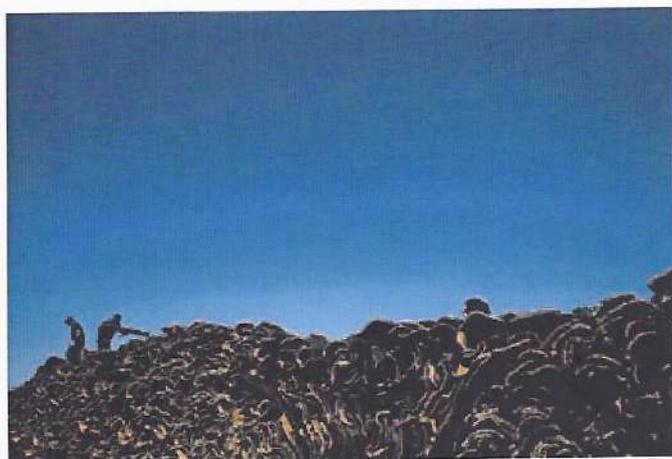
Num centímetro cúbico de cortiça há em média 40 milhões de células, que dão leveza, elasticidade e resistência a este material, usado em cada vez mais actividades. Só 30% da cortiça é usada para fazer rolhas, que geram, contudo, 70% do valor criado pela indústria. Graças ao sobreiro – árvore que vive em média 200 anos – Portugal exporta hoje 850 milhões de euros por ano. Chegará aos 1.000 milhões em 2015.



Na Herdade da Água Boa, perto de Coruche, o descortçamento começa às oito horas da manhã e termina às cinco da tarde. Apenas com machados, os homens sobem às árvores e retiram a cortiça. Tem nestes três meses de Verão o trabalho agrícola mais bem pago do mundo. As mulheres cabe a tarefa de recolher e juntar essas pranchas. Sapatos fechados e escadotes de alumínio são algumas das regras rígidas.



O valor do montado de sobreiro não é apenas económico, mas social e ambiental. Mas quanto vale a biodiversidade? E a regulação dos ciclos hidrológicos? “Ninguém hoje questiona que têm um valor”, diz Carlos de Jesus, director de marketing da Corticeira Amorim. A discussão está lançada e interessa a Portugal. “Quando se contabilizarem esses activos, é a riqueza nacional que aumenta”.



Da cortiça que chega a uma das fábricas da Amorim, em Coruche, nem toda pode ser usada para fabricar rolhas naturais, de maior qualidade. As rolhas técnicas, destinadas a garrafas de vinho de consumo mais rápido, permitiram ao grupo concorrer, inclusivamente em custo, em segmentos que de outra forma estariam nas mãos dos vedantes artificiais. Nos últimos anos a cortiça ganhou-lhes quota de mercado.

>>> página 11



Até Novembro a Amorim tem visitas marcadas. A utilização da cortiça no processo industrial atrai atenções e curiosos de todas as nacionalidades, pelas histórias de sustentabilidade do montado e de investigação e desenvolvimento. Uma das 21 patentes que o grupo português registou nos últimos cinco anos é o sistema de cozedura convexo, que permite que em dois dias a cortiça esteja pronta a ser trabalhada.

Resultado do seu investimento em inovação, tem vindo a fazer a substituição gradual para eucaliptos que dão mais lucro aos proprietários, tornam mais fácil o corte pela homogeneidade das árvores e geram maior rendimento em pasta.

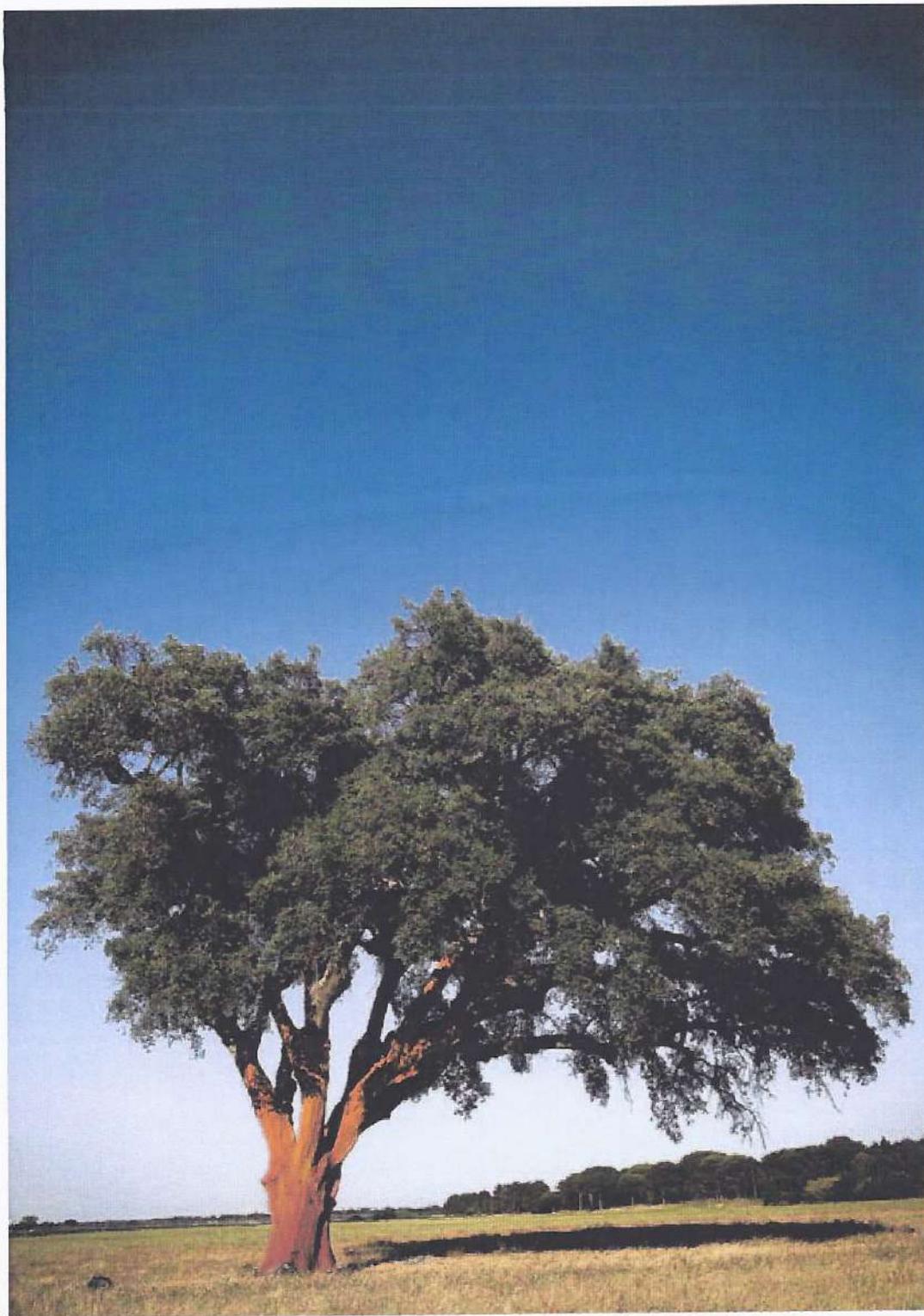
APOSTA NA INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO

Na herdade de Espirra, adquirida pela Portucel em 1985, encontram-se os maiores viveiros florestais da Europa, onde este ano serão produzidos 12 milhões de plantas, umas destinadas às plantações do grupo, outras cedidas ao mercado.

O entusiasmo das trabalhadoras com o aparecimento das primeiras raízes contagia. Numa das casas-sombra, uma planta clonal de eucalipto sobressai das outras, preparadas em estacas por dezenas de mulheres ali ao lado, na biofábrica. Entre Maio e Agosto, todos os dias são produzidas, em média, 150 mil plantas clonais a partir de rebentos colhidos e cortados em duas meias folhas que vão servir de reserva de nutrientes para o eucalipto que irá nascer. Após o processo de selecção, triagem e controlo do material gené-

tico, as plantas são classificadas e colocadas no terreno.

O primeiro corte do eucalipto é feito aos 12 anos e o segundo 12 anos depois. Um planeamento feito em função das condições da operação, da circulação no terreno e das necessidades de abastecimento da fábrica. Com o investimento feito na unidade de Setúbal, em 2009, a Portucel tornou-se o primeiro produtor europeu de papéis finos de impressão e escrita não revestidos, que inclui papéis de escritório e para a indústria gráfica. Por dia são produzidas 1.600 toneladas de papel naquela que é a máquina deste tipo mais larga do mundo. “Cada papel fabricado está vendido”, explica Cidália Abreu, responsável do grupo pelo controlo de processos e gestão da qualidade da pasta e papel. A Portucel exporta 95% do que produz para mais de 110 países, representa 8% do total da carga convencional e contentorizada exportada pelos portos nacionais e 81% dos produtos que utiliza são de 5.400 fornecedores nacionais. “Temos tudo: o recurso, know-how, ciência, vontade e mercado”, resume João Lé, para quem “mais sectores como os da pasta e papel, madeira e cortiça seria o segredo para o país sair da situação em que está”.



SOBREIRO

CORTIÇA: representa 1,9% das exportações totais portuguesas, de quase 846 milhões de euros. Este volume representa 64,7% das exportações mundiais de cortiça. O sector é responsável por 12 mil postos de trabalho fabris directos, estando em actividade 871 empresas ligadas à cortiça. O peso no VAB nacional é de 0,3% e no VAB industrial de 1,6%. Portugal produz 100 mil toneladas de cortiça por ano.

O montado de sobreiro é um dos 34 pontos chave de biodiversidade do mundo.

Cerca de dois terços da água consumida na área metropolitana de Lisboa depende da existência dos montados a nordeste da cidade.

À insuficiência da matéria-prima, elevado custo e falta de certificação somam-se, explica o responsável, "custos de contexto que não são desprezíveis" e que "têm reflexo na competitividade". "Há um enorme potencial de valorização através da floresta e todos os esforços devem ser concertados nisso", apela. Para João Lé, "é preciso acelerar o ritmo de implementação das diferentes medidas que já foram postas no papel e discutidas há muito tempo", seja a dinamização da produção florestal através de organizações de produtores com vista ao aumento de escala, sejam os fundos de investimento florestal, as bolsas de terras ou o arrendamento. "O Estado, o Governo, o País e a sociedade não podem continuar a achar que a floresta tem inenso valor, mas quando se trata de intervir não o fazem", contesta, garantindo que o grupo estaria "disponível para reforçar capacidade assim houvesse possibilidade de ter um negócio sustentável com matéria-prima nacional".

Aumentar a escala da propriedade, apostar na floresta com gestão, certificar a madeira e reduzir os custos de produção de forma a remunerar o investimento ao produtor florestal são, em seu entender, essenciais para o sector. Ao Estado, afirma, compete "criar condições para que o

quadro legal seja simples e claro, que haja ordenamento do território mas também um regime fiscal adequado, que premeie quem reinveste na floresta".

No caso do eucalipto, os primeiros frutos do investimento chegam em pouco mais de uma década. Já com o pinheiro são precisos 30 anos para que possa ser usado para a serração ou 18 para a trituração. Do sobreiro, a primeira cortiça é extraída quando completa 25 anos, passando esse processo a ser feito em ciclos de nove anos. Apenas ao terceiro descorticação é possível fazer rolhas, o que significa que para produzir este vedante natural são precisos 43 anos.

Da cortiça extraída apenas 30% é aplicada em rolhas, mas esses 30% geram 70% do valor criado pela indústria, que tem avançado para cada vez mais soluções para a construção, moda e design e até para fornecer o sector aeroespacial. De dois centimos a dois euros, na corticeira Amorim fabricam-se diariamente uma média de 16 milhões de rolhas, o que equivale a 3,6 mil milhões por ano. As mais caras terão como destino garrafas de vinho na casa dos mil euros.

Em Portugal são trabalhadas por ano 157 mil toneladas de cortiça, das quais 100 mil com

REPORTAGEM Da planta clonal à folha de papel

O eucalipto tornou-se nos últimos anos a espécie que ocupa maior área em Portugal, mas as vozes contra a eucaliptização do anos 80 calaram-se. Gestão florestal, madeira certificada, uma indústria sustentável, com uma visão integrada têm resultado na criação de riqueza e emprego para o país. Com o recurso natural, know how, ciência e um elevado valor acrescentado, a produção de pasta e papel tem margem para mais.



Na Herdade de Espirra, a Portucel Soporcel tem os maiores viveiros florestais da Europa. A produção de plantas clonais de eucalipto é feita em grande escala. Nas casas-sombra desenvolvem-se estas plantas com características genéticas superiores, resultado de um processo de melhoramento que o grupo iniciou há mais de 25 anos. Parte cede ao mercado, até porque o seu maior segredo "é divulgar os segredos".



Existem entre 600 e 700 espécies diferentes de eucalipto, uma que até cheira a limão. Mas além das árvores das quais obtém matéria-prima para a pasta e papel, a Portucel produz plantas ornamentais e de outras espécies florestais, como sobreiros e pinheiros. "Precisamos que cada uma das três fileiras seja rentável, competitiva, porque isso resulta em benefício de todos", sublinha João Lé, administrador da área florestal.



É na Biofábrica que as plantas são preparadas e plantadas em estacas. Com a falta de matéria-prima, o grupo apostou no aumento da produtividade florestal, tendo iniciado em 2011 um investimento de 2,5 milhões de euros nos viveiros de Espirra. A estratégia de gestão florestal da Portucel começa na avaliação do solo e do clima, definição do material genético a utilizar e no projecto. Impactos e riscos são prevenidos.

>>> página 13



A nova fábrica de Setúbal tem uma capacidade instalada de 1,6 milhões de toneladas de papel, equivalentes a 300 bilhões de folhas A4. Aquela que é uma das maiores máquinas de papel do mundo trabalha 24 por dia, sete dias por semana. Apenas um dia por mês exige manutenção. Para a Portucel, há "um futuro risonho para a fileira", até porque se estima que a nível mundial continue a haver uma enorme procura de fibra.

origem nacional, que acabam por ter de ser complementadas com importações de Espanha e, em menor quantidade, do Norte de África. A área de montado de sobreiro tem-se mantido nos últimos anos estável, com as exportações a crescerem para os 850 milhões de euros em 2012 e pretendendo a fileira atingir os mil milhões em 2015. Mais do que um aumento da área destinada ao montado, o sector tem apostado no adensamento da actual para fazer face ao aumento das necessidades de matéria-prima.

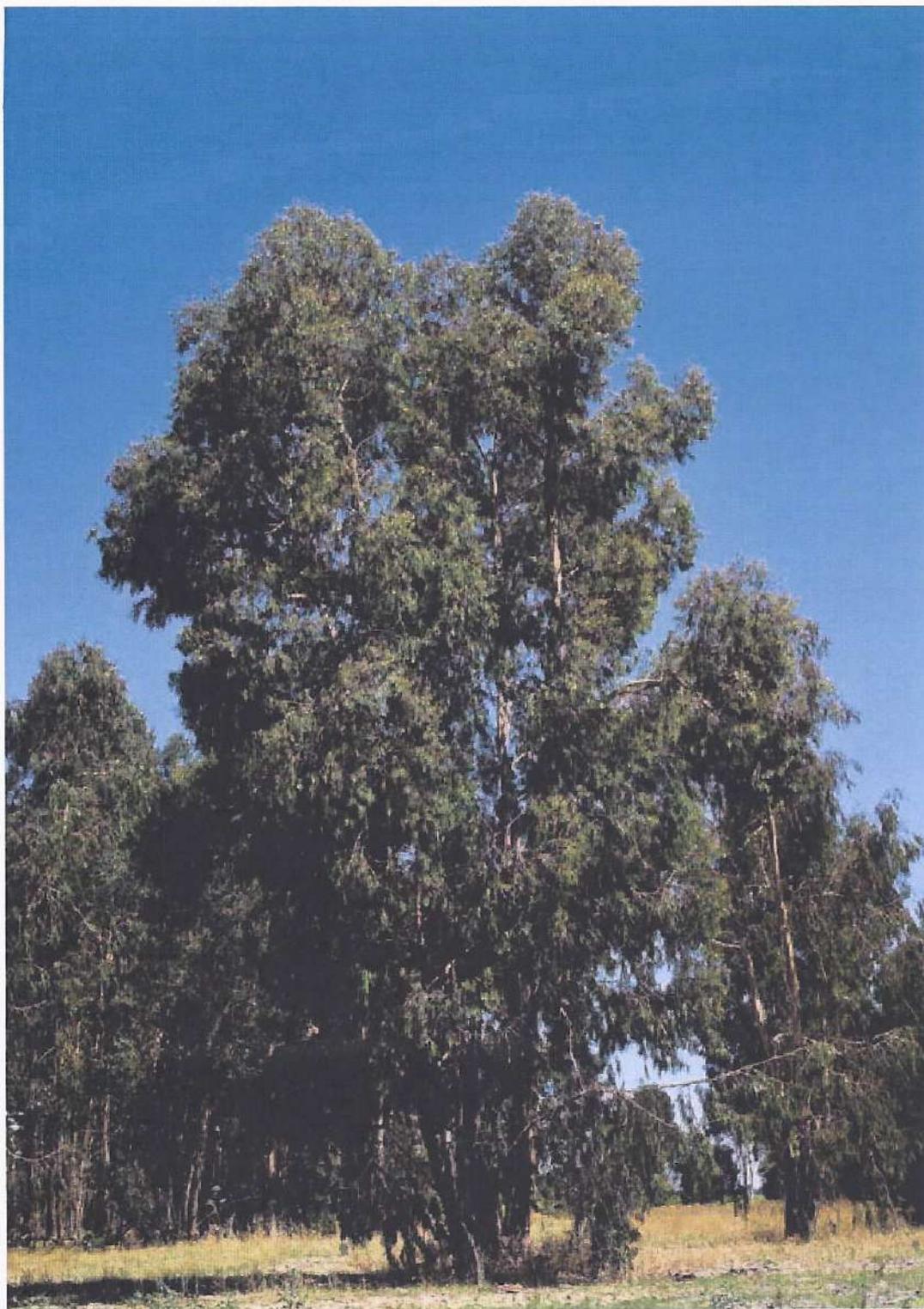
MUDANÇA DE MENTALIDADES

O "pop" que uma rolnha faz ao sair da garrafa é, diz Carlos de Jesus, director de marketing da Amorim, um dos 10 principais sons do mundo. Longe estão já os tempos em que os maiores concorrentes da cortiça, os vedantes artificiais, "fizeram, literal e figurativamente, o seu funeral", recorda o responsável. Quase 15 anos depois, "a percepção dos mercados mudou em relação a este produto, que hoje queremos nas nossas vidas", garante, explicando que "pudemos demonstrar ao mundo que o montado e a indústria da corti-

ça é um exemplo de equilíbrio entre as questões ambientais, sociais e económicas".

Mas a verdade é que há ainda quem pense que a produção de cortiça obriga ao corte das árvores, que estas ficam cor de laranja porque alguém as pinta e que as rolhas são os frutos do sobreiro...

Carlos de Jesus não tem dúvidas que o sector tem "um futuro tão brilhante ou mais do que o passado", até porque "só agora se começou a descobrir o potencial que a cortiça tem". Por ano o grupo investe 5 a 6 milhões de euros em investigação e desenvolvimento e só nos últimos cinco anos registou 21 patentes. Como explica, a indústria consegue hoje fazer muito mais com a mesma matéria-prima, graças aos avanços tecnológicos e ao desenvolvimento de produto, do que há 10 anos. A Corticeira Amorim exporta 95% da sua produção para 102 países, está internacionalizada e controla a distribuição. Em Portugal, garante o director de marketing, "não tem havido projecto apresentado aos diferentes governos que não tenha tido uma apreciação positiva". Para o responsável, "um país que tem mais de um terço da área de floresta e não a considera uma prioridade é porque está a dormir".



EUCALIPTO

PASTA E PAPEL: a fileira do eucalipto representa 4,9% das exportações nacionais, com um volume da ordem dos 2,2 mil milhões de euros. Pesa, por outro lado, 53% das vendas para o exterior das indústrias de base florestal. O seu impacto líquido na balança comercial foi em 2012 positivo em 1.077 milhões de euros. O sector da pasta e do papel é responsável por 3.130 postos de trabalho directo, existindo 449 empresas nesta actividade. Em termos de valor acrescentado bruto, esta fileira tem um peso de 1% em termos nacionais. Quase 50% do sequestro de carbono é das plantações de eucalipto.

Toda a oferta florestal tem escoamento. A Portucel produz para encomenda, não para stock.

Nos últimos anos a empresa investiu mais de 1000 milhões. Estava disposta a reforçar capacidade mas com matéria-prima nacional.

Nos montados de sobreiro, não há abandono de terras, até pela rentabilidade que a espécie dá aos proprietários. Aquela que foi considerada em 2011 a árvore nacional tem, assim, sofrido bem menos com os incêndios do que outras espécies, não só por ocupar áreas planas, que são limpas e mantidas, mas também porque a própria árvore é resistente, já que a cortiça um retardador do fogo. Desde 2000 arderam cerca de 1.712 mil hectares de área florestal, sendo que entre 1990 e 2011 o eucalipto foi a espécie mais afectada, com 37% da área ardida total, seguido do pinheiro-bravo com 35%, revelam os resultados preliminares do estudo prospectivo para o sector florestal divulgados em Junho passado pela AIFP – Associação para a Competitividade das Indústrias da Fileira Florestal. O sobreiro representou 7% da área ardida.

Ao contrário das outras fileiras, a do eucalipto tem milhares de hectares sob gestão. A Portucel investe, por isso, mais de três milhões de euros por ano na prevenção e combate a incêndios. Daí terciado com a produtora de pasta Altria Afocelca, uma estrutura com mais de 270 pessoas e meios como helicópteros e autotanques, que tem por missão apoiar o combate aos fogos florestais nas propriedades das empresas, mas que realiza mais de 85% das intervenções nas ter-

ras de terceiros. A principal aposta é, contudo, na prevenção, que se inicia no próprio projecto florestal, no planeamento, ordenamento, limpeza de mato cirúrgica, vigilância e eliminação das ignições. Isolete Matos, da Sonae Indústria, defende também um pacto nos media: "Abrir telejornais com fogo é um mal que se faz à floresta portuguesa", garante.

Para João Lé, hoje o principal motivo de preocupação é o avanço das áreas de mato, degradadas e sem intervenção, que além de aumentarem os riscos de incêndio e de não produzirem, empobrecem a floresta nacional. Só nos últimos anos cresceram 30%. "Não nos podemos dar ao luxo de ter tantas áreas abandonadas", frisa, sublinhando que seria uma oportunidade canalizar os 200 milhões gastos com importações para a produção florestal, o que poderia gerar mais 2.100 empregos.

Numa época em que tudo parece de curto prazo, continua a haver quem cave um buraco no chão para plantar uma árvore, sabendo que não verá o retorno desse investimento e que talvez apenas os netos beneficiem da decisão que está a tomar. Essa é a essência da economia sustentável, frisa Carlos de Jesus. Porque o faz? Porque alguém já o fez por si. **W**